



Chrys Chrystello*

Precisa-se de um Homem novo neste mundo velho

AO CONTRÁRIO DO QUE É COSTUME NÃO VOU FALAR DA PANDEMIA!

As acostagens de navios de cruzeiro que pedi há dias irão ser proibidas, e, enquanto isso o povo estúpido deste meu país no dia em que se decreta a pandemia foi para praias... e os que não foram à praia foram ao supermercado açambarcar o que podiam.

O que me preocupa é a idade e o facto de a minha mulher ser doente com Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica, e de saber que quando uma pandemia destas chegar não haverá ventiladores que cheguem para todos, e será como em Itália, à moda da guerra, salvam-se os mais aptos (leia-se os mais novos) e vivemos num país de velhos... muito velhos sem dinheiro para medicamentos normais, sem dinheiro para aquecerem as suas casas, sem dinheiro para se alimentarem adequadamente e fortalecerem o seu sistema imunitário.

Sei que isto é uma catástrofe para o turismo, mas ando aqui há anos a escrever que deviam deixar de construir hotéis às centenas nos Açores e depender do turismo como do pão para a boca pois a bolha podia rebentar (sempre pensei que rebentasse pelas companhias aéreas que agora



irão explodir em falências), mas ninguém me quis ouvir e quase rara era a semana em que não se anunciasse um novo empreendimento turísti-

co... ainda bem que o alojamento local serviu para recuperar muita casa na zona histórica de Ponta Delgada... Nas outras ilhas os hotéis não nasceram como aqui, à moda de cogumelos ou coelhos...

A ganância, a falta de visão, o lucro fácil e rápido sempre superou o pensamento lógico e agora vamos assistir ao peditário do costume no Palácio de Santana... os hotéis que ficarem vazios podem ser facilmente convertidos em lares para a terceira idade de que tanto carecemos nestas ilhas...

Podem ser que daqui nasça um novo paradigma de se pensar mais no ser humano em vez do lucro... quem sabe se a Humanidade tão egoísta e autocentrada aprenda algo com esta crise, ou talvez continue como sempre fez ao longo de milénios, sem nada aprender e a repetir os mesmos velhos erros.

Haverá sempre mais umas guerras e uns milhões na fome e miséria que esses nunca incomodaram os senhores do mundo.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 [Australian Journalists' Association MEAA]

Isabel Vasco Costa
isacosta45@gmail.com

A herança do ilhéu

O pai morreu. Os filhos foram chegando, de perto e de longe, para dividirem a dor entre eles e a mãe. Após o enterro seguiu-se um almoço familiar com a viúva, os dez irmãos e alguns netos. Eram muitas as suas memórias e cinco irmãos mais velhos voltaram a recordar o dia "importante" em que o pai comprara o grande cofre, "a burra", como o povo lhe chamava, e lhe ouviram aquela frase que o pai iria repetir todos os anos: "Quando eu morrer, a vossa herança estará dentro deste cofre".

Terminado o almoço, o cofre foi aberto com solenidade, pela mãe, na presença dos filhos. Foi simples e rápido: o cofre continha dez grandes sobrescritos com o nome de cada um deles, e outro, menor, dirigido à mulher. Este apenas continha uma carta de agradecimento e despedida, na qual também a incumbia de reter, dar ou distribuir o pouco que juntara, como bem entendesse, mas aconselhava-a a não se desprender de nada do que era seu por direito. Comovidos, os filhos reconheceram que cada um recebia a "sua herança", sendo todas elas diferentes e à medida de cada um. Ali estavam todos os recibos do que o pai gastara com os estudos de cada um: as viagens de ida e vinda da ilha para o continente, as propinas da

universidade (nem todos ficaram em Lisboa, Porto ou Coimbra), a acomodação e alimentação, o traje académico, livros e material específico de cada curso, a mesada (bem curta) para "alfinetes e algum café, despesas com saúde e algum imprevisto como roupa, transportes, visitas de estudo, etc. Ali estava tudo, a mudança de curso da Adelaide, a operação ao apêndice do Joaquim (que incluiu a deslocação da mãe a Lisboa para o acompanhar até aos primeiros dias de convalescença), o vestido comprido para o baile de fim de curso da Joana... e, claro, as cartas de fim de curso.

Todos sorriram e ficaram enternecidos com tal herança. No total, representava uma quantia avultada, entre escudos e euros, e, sobretudo, muito trabalho do pai e economias da mãe que conseguia disciplinar os caprichos familiares. Uma expressão do Bruno passou a ser popular entre irmãos e irmãs: "O meu novo fato velho", por vir do pai ou irmão mais velho, ou "O meu velho fato novo!", por ter vindo do alfaiate, oferecido pelo padrinho, mas já ter muitos anos de uso. Sim que fatos novos... só os do pai e da mãe, desde que os filhos mais velhos deixaram de usar roupas infantis.

Após a Missa de sétimo dia, a família diri-

giu-se à sacristia para cumprimentar e agradecer ao celebrante os cuidados que tivera com o doente e contaram-lhe o "episódio da herança". O sacerdote sorriu-se e recordou o que ouvira do pai deles a esse propósito, em uma das vezes que o visitara. Tentara imitar o comportamento divino, imaginando Deus como um bom pai, que enviou à terra o seu Filho para ensinar aos homens como se devem comportar para Lhe agradar. Por isso, procurara incutir boas virtudes nos filhos e dar-lhes os estudos necessários à profissão de cada um. Deixara-lhes a herança em vida, com trabalho e bastante sacrifício dele e sua mulher, para que todos os filhos tivessem a liberdade de seguir o caminho que escolhessem, mas morria feliz e orgulhoso dos filhos e da mulher. Ela fora a corajosa companheira dos seus sonhos; eles eram esses sonhos feitos realidade. A generosidade do casal começara por nunca ter fechado a porta da vida aqueles maravilhosos filhos que Deus lhes dera. Era essa a primeira condição para oferecer felicidade, mas só temporal. A felicidade eterna dependeria do modo como eles aproveitassem o que ele, pai António, e Ele, Pai Deus, lhes tinham oferecido. Essa, a herança eterna, seria a verdadeiramente valiosa.